

MEMÓRIA, EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO: O LEGADO DE SUELI MACHADO A PARTIR DA ATUAÇÃO DO PIBID NA EEEFM DOMINGAS DA COSTA SOUSA, EM BRAGANÇA, NORDESTE DO PARÁ

Lucas Raylan de Sousa Lisboa¹

Alana Maria Rosário da Silva²

Izabel do Socorro Silva Soares Ferreira³

Suerlen Martins do Remédio⁴

Raquel do Espírito Santo Aguiar do Nascimento⁵

RESUMO

O presente artigo, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Instituto Federal do Pará – Campus Bragança, integra as ações do projeto “*Histórias que Ecoam, Saberes que Constroem: Memória, Saberes e Sustentabilidade na Amazônia Paraense*”, realizado com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite da EEEFM Domingas da Costa Sousa. A pesquisa analisa a trajetória de Sueli Machado, liderança comunitária cuja mobilização foi determinante para a conquista da escola na comunidade amazônica de Acarajózinho, em Bragança (PA). De abordagem qualitativa, fundamentada na metodologia da história oral e no estudo de caso, teve como principal fonte uma entrevista semiestruturada com Tatiana Machado, filha da protagonista. O material, registrado em formato audiovisual e transformado em curta-metragem, buscou preservar a memória coletiva e ampliar o alcance formativo da experiência. A análise dos dados, realizada a partir da técnica de análise de conteúdo, dialoga com referenciais da educação do campo (Caldart, 2004; Fernandes; Molina, 2004; Figueiredo; Silva, 2020), da etnoeducação (Candau, 2010) e das lideranças comunitárias (Alves, 2015; Ribeiro, 2018). Os resultados demonstram que, sem apoio político-partidário, Sueli mobilizou a comunidade em diálogo direto com a Secretaria Estadual de Educação, assegurando a continuidade escolar dos jovens e reafirmando a escola como espaço de pertencimento e justiça social. A inauguração da EEEFM Domingas da Costa Sousa simbolizou não apenas a conquista de infraestrutura, mas também a materialização de uma pedagogia enraizada nos saberes e valores da comunidade. Nesse sentido, a pesquisa, desenvolvida no contexto do PIBID, evidencia a potência da mobilização social local e o papel do programa na formação docente, articulando ensino, pesquisa e extensão em diálogo com as realidades amazônicas.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo; Ciências Humanas e Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, lucaslisboa@ifpa@email.com;

² Graduando pelo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo; Ciências Humanas e Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, alanasilva6077@email.com;

³ Graduando pelo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo; Ciências Humanas e Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, izabelssoares23@email.com;

⁴ Graduando pelo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo; Ciências Humanas e Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, suerlenm@email.com;

⁵ Professor orientador: Licenciatura em Biologia, Faculdade de Biologia – UFPA Campus Bragança, raquel.aguiar@escola.seduc.pa.gov.br.





Palavras-chave: Educação do campo. Comunidade tradicional. Liderança feminina. Direito à educação. PIBID.

INTRODUÇÃO

O direito à educação, assegurado pela Constituição Federal de 1988, ainda encontra entraves para sua plena efetivação em diferentes regiões do Brasil, especialmente na Amazônia, onde comunidades rurais e tradicionais enfrentam desafios históricos de acesso, permanência e qualidade educacional. Essas dificuldades se agravam em localidades interioranas, em que a ausência de políticas públicas consistentes e a negligência estatal relegam as populações a situações de vulnerabilidade social e educacional.

Nesse contexto, as mobilizações populares e as lideranças comunitárias assumem papel central na conquista de direitos. No município de Bragança, no nordeste do Pará, a luta pela criação da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Domingas da Costa Sousa, na comunidade de Acarajózinho, é exemplar desse processo. A trajetória de Sueli Machado, liderança comunitária que mobilizou moradores em defesa do acesso à educação, representa um marco de resistência e organização social, reafirmando a escola como espaço de identidade, justiça e transformação coletiva.

O presente artigo é resultado das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido no Instituto Federal do Pará – Campus Bragança, no âmbito do projeto “*Histórias que Ecoam, Saberes que Constroem: Memória, Saberes e Sustentabilidade na Amazônia Paraense*”. A pesquisa foi realizada junto a estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno da noite, na própria EEEFM Domingas da Costa Sousa, e teve como objetivo específico investigar a trajetória de Sueli Machado na luta pela criação da escola.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de valorizar a memória coletiva e dar visibilidade às experiências de mobilização social que transformam realidades locais, além de evidenciar a importância da educação do campo como direito e como prática pedagógica vinculada aos saberes da comunidade. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamentou-se na história oral e no estudo de caso, a partir de entrevista semiestruturada com Tatiana Machado, filha da liderança homenageada.

Assim, este trabalho tem como propósito analisar a mobilização de Sueli Machado, destacando sua contribuição para a conquista da escola em Acarajózinho, e refletir sobre os





impactos sociais e pedagógicos desse processo na formação docente, por meio do PIBID, e na consolidação da educação do campo na Amazônia-Paraense.

METODOLOGIA

A pesquisa possui natureza qualitativa, por buscar compreender a realidade social a partir da interpretação das experiências e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos (MINAYO, 2001). O foco não esteve na quantificação de dados, mas na valorização da memória coletiva e das narrativas que revelam o processo de mobilização comunitária em torno da educação.

Optou-se pelo estudo de caso, pois a trajetória de Sueli Machado constitui um acontecimento singular que exemplifica o modo como lideranças locais, mesmo sem apoio político-partidário, foram capazes de articular sua comunidade em prol da conquista da escola. O estudo de caso permitiu compreender em profundidade as estratégias de mobilização, os desafios enfrentados e os impactos gerados na vida da comunidade de Acarajózinho.

Como técnica de coleta de dados, utilizou-se a história oral, por meio de uma entrevista semiestruturada com Tatiana Machado, filha da protagonista. A escolha desse instrumento deve-se ao fato de que a história oral possibilita resgatar memórias, valorizar experiências de sujeitos invisibilizados e dar voz a narrativas locais (THOMPSON, 1992). A entrevista foi registrada em formato audiovisual, transcrita e, posteriormente, transformada em um curta-metragem apresentado à comunidade escolar, o que favoreceu a circulação da memória e ampliou o alcance social da pesquisa.

A análise do material empírico seguiu os pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), permitindo identificar categorias temáticas relacionadas à luta comunitária, ao protagonismo feminino e ao papel social da escola na Amazônia. As categorias emergentes foram discutidas à luz de referenciais teóricos da educação do campo (CALDART, 2004; FERNANDES; MOLINA, 2004), da etnoeducação (CANDAU, 2010) e das lideranças comunitárias (ALVES, 2015; RIBEIRO, 2018).

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Instituto Federal do Pará – Campus Bragança, integrado ao projeto “*Histórias que Ecoam, Saberes que Constroem: Memória, Saberes e Sustentabilidade na Amazônia Paraense*”, com participação de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno da noite, na EEEFM Domingas da Costa Sousa. Essa





inserção possibilitou a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, consolidando o caráter formativo do programa para a formação docente crítica e socialmente engajada.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre a trajetória de Sueli Machado e a conquista da EEEFM Domingas da Costa Sousa articula-se com diferentes campos teóricos, em especial a Educação do Campo, a Etnoeducação e os estudos sobre liderança comunitária.

A Educação do Campo emerge como movimento político e pedagógico que busca superar a histórica marginalização dos povos camponeses e ribeirinhos. Para Caldart (2004), a escola do campo não deve ser apenas um espaço de reprodução de conteúdo, mas um ambiente que reconhece e valoriza os modos de vida, a cultura e os saberes das comunidades. Nessa perspectiva, Fernandes e Molina (2004) destacam que a luta pela educação do campo está intimamente ligada à luta pela terra, pela dignidade e pela permanência dos sujeitos em seus territórios. No caso de Acarajózinho, a mobilização pela criação da escola representa não apenas o acesso à escolarização formal, mas também a resistência contra processos históricos de exclusão.

No campo da Etnoeducação, Candau (2010) ressalta a interculturalidade como princípio fundamental da prática pedagógica, em que diferentes saberes e culturas dialogam no interior da escola. A criação da EEEFM Domingas da Costa Sousa, a partir da mobilização comunitária, exemplifica esse movimento, pois o espaço escolar nasce do diálogo entre o poder público e a comunidade, estruturando-se como território de preservação da memória e de transmissão de valores culturais locais.

Outro eixo importante para a análise é o das lideranças comunitárias. Segundo Alves (2015), as lideranças exercem papel essencial na articulação entre comunidade e instituições, sendo mediadoras dos interesses coletivos. Ribeiro (2018) acrescenta que o protagonismo feminino, em particular, rompe barreiras de gênero e amplia a visibilidade das mulheres na esfera pública. A trajetória de Sueli Machado ilustra essa realidade: ao mobilizar sua comunidade pela escola, ela não apenas garantiu um direito social, mas também se tornou referência de liderança ética e coletiva.

Por fim, este estudo dialoga com autores que tratam da memória como prática social. Halbwachs (2006) aponta que a memória coletiva é construída no interior dos grupos sociais e constitui um elemento essencial de identidade. Nesse sentido, a pesquisa sobre Sueli Machado contribui para fortalecer a memória da comunidade de Acarajózinho, ao mesmo tempo em





que oferece subsídios pedagógicos para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto amazônico.

Assim, o referencial teórico que sustenta esta pesquisa evidencia que a trajetória de Sueli Machado não pode ser compreendida de forma isolada, mas em diálogo com os processos históricos da educação do campo, com a valorização da diversidade cultural e com o papel transformador das lideranças comunitárias femininas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da trajetória de Sueli Machado revelou que sua liderança na comunidade de Acarajózinho é um exemplo paradigmático da força da mobilização popular na Amazônia Paraense. O processo de conquista da EEEFM Domingas da Costa Sousa não se deu de maneira linear, mas foi fruto de uma luta marcada por resistências, diálogos e negociações com instâncias do poder público. Esse caminho, embora árduo, consolidou-se como prática de resistência social, cultural e pedagógica, reafirmando que a escola, no campo, não é apenas um espaço físico, mas um território de identidade e pertencimento, como defende Caldart (2004).

Um dos primeiros aspectos observados nos dados empíricos é que a mobilização pela escola foi resultado da ação comunitária articulada, não de uma liderança personalista. Sueli Machado, mesmo sendo referência central no processo, sempre conduziu sua luta de forma coletiva, garantindo que a escola fosse entendida como conquista de todos. Isso vai ao encontro das reflexões de Fernandes e Molina (2004), que associam a Educação do Campo a práticas de organização social fundamentadas na solidariedade e na construção coletiva.

Outro achado importante diz respeito ao protagonismo feminino. A atuação de Sueli, como mulher amazônida, rompeu com padrões tradicionais de gênero em que os espaços de poder e liderança são historicamente ocupados por homens. Ribeiro (2018) enfatiza que a presença feminina em movimentos sociais e comunitários não apenas amplia a representatividade, mas também traz novas formas de exercício de poder, baseadas na ética do cuidado, na escuta e no diálogo. Nesse sentido, a trajetória de Sueli confirma que o protagonismo feminino tem sido força fundamental em processos de resistência comunitária. Alves (2015) acrescenta que a liderança se define pela capacidade de inspirar e mobilizar, mais do que pela autoridade formal, e essa característica foi fortemente identificada na atuação de Sueli Machado.





No campo pedagógico, os resultados indicam que a escola, ao nascer de uma luta comunitária, passou a desempenhar papel simbólico e social de grande relevância. Figueiredo e Silva (2020) afirmam que a escola no campo deve se constituir como espaço de resistência e de afirmação cultural. Isso se confirmou em Acarajózinho: a EEEFM Domingas da Costa Sousa não apenas garantiu acesso à escolarização, mas fortaleceu a memória coletiva, a identidade comunitária e a permanência das famílias em seu território, evitando processos migratórios forçados para áreas urbanas em busca de educação.

Um ponto que merece destaque é o uso da memória coletiva como recurso formativo. A entrevista com Tatiana Machado, filha de Sueli, resgatou narrativas familiares e comunitárias que, ao serem sistematizadas, transformaram-se em elementos pedagógicos. Halbwachs (2006) destaca que a memória coletiva é construída nos grupos sociais e constitui elemento essencial de identidade, enquanto Thompson (1992) reforça que a história oral tem potencial de democratizar vozes e registrar experiências de sujeitos invisibilizados. No caso desta pesquisa, a memória de Sueli foi apropriada como ferramenta de ensino, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos (EJA), fortalecendo a dimensão intercultural da escola, conforme sugere Candau (2010).

Outro resultado relevante foi a produção do curta-metragem a partir da entrevista. Essa ação, conduzida no âmbito do PIBID, mostrou-se fundamental não apenas como registro da memória, mas como prática pedagógica inovadora, capaz de articular ensino, pesquisa e extensão. A exibição do vídeo aos alunos da EJA permitiu que eles se vissem como parte de uma história de luta, reconhecendo-se como sujeitos históricos. Essa experiência ressignificou o processo de ensino-aprendizagem, ampliando sua potência crítica e dialogando diretamente com os pressupostos da Educação do Campo, que valoriza a vivência concreta dos sujeitos como ponto de partida para a prática pedagógica (CALDART, 2004).

A análise de conteúdo (BARDIN, 2011) possibilitou a identificação de cinco categorias centrais: *mobilização comunitária*, *protagonismo feminino*, *memória coletiva*, *escola como espaço de identidade e práticas pedagógicas do PIBID*. Essas categorias sistematizam os principais achados da pesquisa e são apresentadas no quadro a seguir:



Quadro 1 – Síntese dos principais achados da pesquisa

Categoria	Principais Achados	Referenciais de apoio
Mobilização comunitária	A união dos moradores em torno da liderança de Sueli possibilitou a conquista da escola.	Caldart (2004); Fernandes; Molina (2004)
Protagonismo feminino	A atuação de Sueli rompeu barreiras de gênero e inspirou novas gerações.	Ribeiro (2018); Alves (2015)
Memória coletiva	O resgate da trajetória fortaleceu a identidade local e preservou a história da comunidade.	Halbwachs (2006); Thompson (1992)
Escola como espaço de identidade	A escola consolidou-se como território de pertencimento e resistência cultural.	Caldart (2004); Figueiredo; Silva (2020)
Práticas pedagógicas do PIBID	A produção do curta-metragem promoveu integração entre memória e ensino na EJA.	Candau (2010); Bardin (2011)

Fonte: Elaboração própria (2025).

Ao observar esse conjunto de resultados, percebe-se que a trajetória de Sueli Machado transcende a conquista material da escola. Ela simboliza a força da resistência coletiva, a centralidade das mulheres na transformação social e a capacidade da memória de se constituir como prática educativa. Para os bolsistas do PIBID, essa experiência foi formativa, pois permitiu compreender a educação como prática social vinculada ao território, ao mesmo tempo em que fortaleceu a concepção de que a docência deve ser construída em diálogo com as realidades locais.

Portanto, os resultados confirmam que a escola do campo, quando nasce da mobilização popular, não é apenas um direito conquistado, mas também um espaço de construção de cidadania, de identidade e de emancipação, reafirmando a educação como prática libertadora, em consonância com os princípios defendidos por Paulo Freire e pelos teóricos da Educação do Campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A última parte do A trajetória de Sueli Machado reafirma a centralidade da mobilização comunitária na conquista do direito à educação em territórios historicamente negligenciados pelo Estado. Sua liderança, construída a partir do diálogo, da ética e da coletividade, possibilitou a criação da EEEFM Domingas da Costa Sousa, garantindo às novas





gerações da comunidade de Acarajózinho a continuidade dos estudos em seu próprio território.

Mais do que a construção de uma escola, a luta simbolizou a afirmação da educação como prática social e cultural, enraizada nos saberes e valores da comunidade. Ao tornar-se espaço de identidade e pertencimento, a escola transformou-se em instrumento de resistência contra a exclusão e em marco de justiça social, confirmando a concepção de Educação do Campo defendida por Caldart (2004) e Fernandes e Molina (2004).

O estudo também revelou o protagonismo feminino na mobilização social, evidenciado pela liderança de Sueli Machado, que inspirou sua comunidade e consolidou-se como exemplo de resistência e engajamento coletivo, em consonância com as reflexões de Ribeiro (2018). Essa dimensão amplia a compreensão do papel das mulheres como agentes de transformação em contextos rurais amazônicos.

Do ponto de vista pedagógico, a realização da pesquisa no âmbito do PIBID demonstrou a potência formativa da memória coletiva como recurso educativo, especialmente no trabalho com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A experiência de transformar a narrativa em curta-metragem, envolvendo estudantes, bolsistas e comunidade, revelou-se não apenas como prática de preservação da memória, mas também como estratégia de ensino e aprendizagem significativa, em diálogo com os pressupostos da etnoeducação (CANDAU, 2010).

Conclui-se que o legado de Sueli Machado ultrapassa a conquista da escola: ele representa a capacidade de comunidades amazônicas de construírem, a partir da resistência e da união, caminhos de emancipação social. Para a formação docente, a experiência reafirma a importância de articular ensino, pesquisa e extensão em práticas pedagógicas vinculadas às realidades locais, como propõe o PIBID.

Nesse sentido, sugere-se que novas pesquisas e práticas educativas aprofundem a relação entre memória, saberes comunitários e educação do campo, fortalecendo o compromisso da escola com a transformação social e com a valorização das culturas amazônicas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento das bolsas de iniciação à docência, ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Educação do Campo do IFPA Campus Bragança, e





à EEEFM Domingas da Costa Sousa, pelo espaço de realização da pesquisa. Manifestamos nossa gratidão aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que participaram ativamente do processo, à supervisora professora Raquel do Espírito Santo Aguiar do Nascimento, pela orientação e acompanhamento, e à coordenadora de área Nívia Maria Vieira Costa, pelo apoio institucional.

Estendemos nossos agradecimentos à família de Sueli Machado, em especial à sua filha Tatiana Machado, por compartilhar memórias fundamentais para a construção deste trabalho; aos bolsistas do PIBID que se dedicaram à execução da pesquisa; e à comunidade de Acarajózinho, cuja história de luta e resistência inspira a valorização da educação do campo na Amazônia Paraense.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. ***Análise de conteúdo***. Lisboa: Edições 70, 2011.

CALDART, R. ***Educação do campo: notas para uma análise de percurso***. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. (org.). *Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo*. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2004.

CANDAU, V. M. ***Interculturalidade e educação: desafios para a prática pedagógica***. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 237–256, 2010.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. ***A educação do campo e a pesquisa***. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, p. 7–23, 2004.

FIGUEIREDO, C.; SILVA, J. ***Educação e resistência no campo amazônico***. Belém: Paka-Tatu, 2020.

HALBWACHS, M. ***A memória coletiva***. São Paulo: Centauro, 2006.

MINAYO, M. C. S. ***O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde***. São Paulo: Hucitec, 2001.

RIBEIRO, C. ***Lideranças femininas e participação comunitária***. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

THOMPSON, P. ***A voz do passado: história oral***. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

